



OITENTA ANOS DEPOIS, JOANA É PURA FANTASIA EM 2024

Lucas Repullo

Tenho 32 anos e passei por minhas leituras de *Perto do coração selvagem* com uma ideia fixa na cabeça que guiou toda a minha interpretação do primeiro romance de Clarice Lispector: a sensação de que Joana não existiria em 2024.

É verdade que sua busca pelo que quer que seja continua atemporal, assim como a chamada para esta publicação nos convidou a refletir. Seus traumas, sua angústia, seu aprisionamento em questões de gênero, seus dilemas morais, religiosos, seus amores, seus antagonismos e sua fuga parecem ainda mais relevantes hoje do que na época da publicação do livro — e devem estar sendo bem dissecados nos textos que acompanham este aqui. Peço licença portanto para provocar com este ensaio uma reflexão contrária.

“– Papai, que é que eu faço? – Eu já lhe disse: vá brincar e me deixe! – Mas eu já brinquei, juro. Papai riu: – Mas brincar não termina... – Termina sim. – Invente outro brinquedo. – Não quero brincar nem estudar. – Quer fazer o quê então? Joana meditou: – Nada do que sei...” (p.11)¹. Nas últimas décadas, não foram poucas as tentativas de traçar um retrato fiel de Joana, desafio este que nem Clarice se arriscou a completar. Mas é possível cravar, como fica evidente no trecho destacado, que desde criança os melhores momentos da personagem são construídos pelo tédio e pela contemplação. Sua busca eterna é fruto de uma cabeça com tempo para pensar e observar o mundo, mesmo que por vezes acabe por transformar o que observa em paranoias cíclicas que a impedem de se esvaziar de fato. O tédio como um tipo de angústia é o que faz Joana desejar algo novo para além do que há em seu entorno. E é exatamente esse tédio que acredito que, em 2024, tenha, senão se perdido por completo, virado um luxo desfrutado por pouquíssimos. Peço que não vire os olhos, mas para falar sobre isso, precisarei transportar a realidade de Joana para a era das redes sociais.

¹ Todas as citações de Clarice Lispector correspondem à obra citada em Referência.



No início deste ano, o jornal britânico *The Guardian* lançou uma *newsletter* chamada “Reclaim Your Brain”, algo como “Reaproprie-se de sua mente” ou “Reinvindique seu cérebro”. A proposta era o envio de alguns e-mails com dicas para diminuirmos o tempo que passamos na frente da tela do celular. “A vida é uma só. Você realmente quer gastá-la olhando para o seu telefone?”, dizia uma das chamadas. Pouco tempo após o anúncio, a publicação já contava com mais de cem mil assinantes, tornando-se a *newsletter* de crescimento mais rápido da história do jornal bicentenário.

Apesar de ter virado um recorde, que sinaliza a questão como definidora em milhares de rotinas, o número ainda é pequeno perto do tamanho de um problema que provavelmente assolaria Joana caso ela fosse nossa contemporânea. Ok, você tem todo o direito de ter achado essa comparação forçada, principalmente se não se considerar tão afetado assim pelas redes sociais. Mas faço uma provação. Se você está aqui acessando uma publicação de comemoração a um dos mais densos livros nacionais é porque suas escolhas te levaram a uma vida de exceção dentro da realidade brasileira e mundial, encontrando prazer em leituras e em reflexões das ciências humanas que não passam nem perto da rotina da maioria da população. Você, provavelmente, não é tão parecido com Joana como pode ter sentido durante a leitura.

Não há nada na história de Clarice que sinalize Joana como uma pessoa muito intelectualizada ou com um dia a dia extraordinário. Joana nos marca e nos surge tão única pois temos acesso privilegiado à sua cabeça. Se observarmos sua vida, porém, ela não parece trabalhar, vive um casamento tradicional (inclusive contando com um clássico marido infiel) e nada nos indica que tenha hábitos ou preferências excêntricas. Nos habituamos a pensar em Joana como excepcional e culta pelo inevitável paralelo com Clarice, mas se vivesse nos dias de hoje, imagino que Joana seria uma mulher de classe média comum, com todos os vícios e virtudes da sociedade atual.

Desvio do tema para ilustrar meu ponto com uma anedota. Na tentativa de finalizar este texto sem a sedução das minhas próprias distrações, dia desses peguei o computador em uma manhã fria e fui a um café. Por volta do meio dia, sentou-se ao meu lado uma moça de idade próxima à minha, provavelmente em seu horário de



almoço do trabalho e pediu um estrogonofe de carne. Assim que a garçonete se afastou, não pude deixar de ouvir um áudio que a moça passou a gravar para alguém, em tom melancólico, dizendo que precisava sim de alguém para ir à sua casa às sextas-feiras de noite ou aos sábados para cuidar de um indivíduo chamado Otto (deduzi ser uma criança que necessitava de cuidados especiais ou um idoso doente). Ela reforçou o pedido dizendo que precisava retomar a vida de casal com seu companheiro, sair para jantar e se divertir, que viver apenas para cuidar de Otto estava acabando com ela e com seu relacionamento.

Fiquei tocado com a profundidade do problema de uma pessoa estranha naquele café e não pude deixar de traçar paralelos com os traumas de Joana. Seja a ausência da mãe, a morte precoce do pai, a rejeição dos tios ou a traição do marido. Experiências que não são raras, mas deixam marcas permanentes na personalidade de alguém. E lidar com algo dessa profundidade equilibrando tarefas da vida como ir ao trabalho e parar para almoçar é uma parte da existência humana que me fascina, pois costumo lidar de forma muito mais trágica e não funcional com problemas equivalentes em minha vida. Lembrei do seguinte trecho do livro em que Joana reflete sobre essa “falta de vida” que afligia a moça do estrogonofe. “Como se visse alguém beber água e descobrisse que tinha sede, sede profunda e velha. Talvez fosse apenas falta de vida: estava vivendo menos do que podia e imaginava que sua sede pedisse inundações” (p. 14).

Fiquei imaginando a quantidade de reflexões sobre a existência humana que Joana teria caso um problema semelhante se apresentasse. A enxerguei olhando pela janela remoendo a passagem do tempo e sendo invadida por pensamentos intrusivos (mas construtivos) que a fariam comparar o amor que sentia por uma pessoa que precisava da sua ajuda e o amor por si mesma que lhe gerava essa sede de viver.

Porém, não me surpreendi quando no instante seguinte ao envio do áudio, deu-se início na mesa ao lado uma sequência de 12 minutos ininterruptos de vídeos aleatórios em um *feed* infinito que deduzi ser do Instagram ou do TikTok. Uma variedade de vídeos de humor, dicas de como se vestir e recomendações de produtos mirabolantes vindos da China para trazer mais praticidade à vida. Todos os vídeos com cortes rápidos e músicas estimulantes (que ela apreciava em um local público



sem usar nenhum fone de ouvido). Qual não foi a minha surpresa quando seu estrogonofe chegou e — literalmente — entre cada garfada, durante a mastigação, quase como um tic, ela passou a pegar o celular e passar o dedo por mais fotos e vídeos da rede social. Virei o olho para espiar e pude vê-la curtindo imagens de algum bebê, passando pelos registros de viagem de um casal e um vídeo de dicas de uma nutricionista. Toda vez que a mastigação de uma porção acabava, ela repousava o celular na mesa, usava a mão direita para a próxima garfada, pegava o celular novamente após um intervalo de não mais do que cinco segundos e repetia o processo. Isso foi feito durante todo o estrogonofe de carne e também continuou durante a torta de chocolate vegana que pediu como sobremesa.

É claro que distração nenhuma seria suficiente para tirar essa moça por completo de seu problema sério e dar sentido à sua vida. Mas me pergunto onde está o tempo para reflexões como as de Joana no livro hoje? Reflexões produto do tédio, da ausência de brincadeiras que lhe faz criar um poema, do desinteresse pela aula chata que lhe faz perguntar à professora o que vem depois que se consegue ser feliz.

Ironicamente, apesar de Joana ser uma personagem utópica na década atual, *Perto do coração selvagem* é um livro fragmentado que me parece ideal para uma era de pouca atenção. Uma obra que não te cobra caso você passe por algumas páginas sem entendê-las ou retome a leitura após algumas semanas sem lembrar de seu enredo volátil. Joana nos surpreende e passa por transformações, mas mesmo com sua narrativa cíclica e fragmentada, é impossível não enxergar a presença constante do tédio frutífero que a impulsiona em direção a uma resposta ou à próxima dúvida, desde a mais tenra infância até o momento da viagem final.

A cada ano, caso continuemos caminhando para uma sociedade embriagada por um mundo em constante oferta para nos distrair, penso que os leitores seguirão se distanciando de Joana. Os afortunados que se depararem com sua história poderão até se identificar e se encantar com a atemporalidade de seus dilemas, mas não encontrarão ferramentas em suas próprias vidas para terem reflexões parecidas. Romanticamente, desejarão ter uma vida que lhes gere momentos como



Viveu sua vida, ávida como uma virgem – isso para o túmulo. Fez-se muitas perguntas, mas nunca pôde se responder: parara para sentir. Como nasceu um triângulo? antes em ideia? ou esta veio depois de executada a forma? um triângulo nasceria fatalmente? as coisas eram ricas. – Desejaria deter seu tempo na pergunta. Mas o amor a invadia. Triângulo, círculo, linhas retas... harmônico e misterioso como um arpejo. Onde se guarda a música enquanto não soa? – indagava-se. E rendida respondia: que façam harpas de meus nervos quando eu morrer (p.156).

No entanto, observarão esse tipo de pensamento como um morador de metrópole que sonha com uma vida simples após ler ou assistir a uma história bucólica. Largar tudo e se mudar para o campo é sempre uma possibilidade, assim como largar as redes sociais e o celular, mas é uma escolha para poucos, financeiramente abastados ou ativamente corajosos, que decidirem viver na contramão.

Mergulhando mais fundo nas confabulações, caso Clarice vivesse hoje, é até possível imaginá-la, como intelectual, como alguém um pouco mais imune às seduções de um celular, seja por desinteresse ou por entender rapidamente seus problemas. Mas dependeria muito de qual Clarice faria a viagem no tempo. A de 23 anos definitivamente não conseguiria fugir e teria toda sua obra e sua existência guiadas por isso assim como uma boa parte das jovens escritoras contemporâneas celebradas por reflexões parecidas. Durante a leitura de *Perto do coração selvagem*, lembrei muito de *Meu ano de descanso e relaxamento* (Ed. Todavia, 2018), um dos melhores e mais celebrados livros da última década, da escritora americana Ottessa Moshfegh (hoje com 43 anos). Nele, acompanhamos as reflexões bem “claricianas” de uma personagem sem nome que decide passar um ano dormindo sem parar através de um uso controladamente descontrolado de medicamentos psiquiátricos numa clara tentativa de se esconder da quantidade de estímulos que assolam a vida contemporânea. Me divirto imaginando que, sem espaço na cabeça para de fato entrarem em *loops* de monólogo interior, se anestesiarem por completo assim me parece uma solução que Clarice escolheria para alguma de suas personagens mais intelectuais caso fossem transportadas para os dias de hoje.

Joana, ao contrário, me parece que se perderia facilmente em uma vida desinteressante e anestesiada pela oferta de distrações.



Mas em breve voltou a si mesma, numa queda vertical. Examinou os braços, as pernas. Lá estava ela. Lá estava ela. Mas era preciso se distrair, pensou com dureza e ironia. Com urgência. Pois não morreria? Riu alto e olhou-se rapidamente ao espelho para observar o efeito do riso no rosto. Não, não o aclarava. Parecia uma gata selvagem, os olhos ardendo acima das faces incendiadas, pontilhadas de sardas escuras de sol, os cabelos castanhos despenteados sobre as sobrancelhas. Enxergava em si púrpura sombria e triunfante. O que fazia com que brilhasse tanto? O tédio... Sim, apesar de tudo havia fogo sob ele, havia fogo mesmo quando representava a morte. Talvez isso fosse o gosto de viver. De novo a inquietação tomou-a, pura, sem raciocínios. Ah, talvez eu deva andar, talvez... Fechou os olhos um instante, permitindo-se o nascimento de um gesto ou de uma frase sem lógica. Fazia sempre isso, confiava em que no fundo, embaixo das lavas, houvesse um desejo já dirigido para um fim (p.73).

É que, para mim, esse trecho mostra uma Joana que não quer sempre continuar a escolher o caminho longo até o coração selvagem da vida, a busca segue também por falta de opção e de alternativas para lhe ocupar a mente de forma fácil e rápida.

Por mais interessante e não convencional que pareça Joana por termos acesso livre à sua linha de produção de pensamentos, não me sai da cabeça o quão convencionais foram as escolhas geradas por essa cabeça aparentemente tão atípica. Talvez por uma busca por uma estabilidade que lhe faltou em algum momento, talvez por imposições de gênero muito mais difíceis de contornar naquela época, mas de qualquer forma, escolhas conservadoras e não muito arriscadas, que me fazem imaginar uma garota que teria abraçado uma oportunidade de conforto fácil para esses momentos de angústia caso lhe fosse apresentada.

Hoje, mais do que nunca, tomo medidas diárias para me afastar dessas distrações e conseguir preservar momentos de tédio e introspecção no meu dia. Mas não sinto fazer parte de um grupo muito grande quando em qualquer esquina quase todos estão com as cabeças abaixadas iluminadas por uma tela, mesmo com os alertas frequentes sobre assaltos de celulares todos os dias. Torço para que essa minha interpretação não tenha passado de um delírio de uma leitura desatenta que posso ter feito em meio a todas as distrações que também se apresentaram a mim nesses últimos meses durante a elaboração deste ensaio. Caso contrário, continuarei olhando para as pessoas hipnotizadas por seus celulares como Joana olhava para as “galinhas-que-não-sabiam-que-iam-morrer”.



REFERÊNCIA

LISPECTOR, Clarice (1943 [1944]). **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2022.